

DÃO-LALALÃO: REGIONAL E PÓS-MODERNO

Seleste Michels da Rosa (UFRGS)

Resumo: Analisaremos o conto *Dão-Lalalão* (ROSA, 1995), de Guimarães Rosa, composição calçada em fabulações contínuas, típicas da fala do sertão mineiro. Essa estrutura mostra originalidade, revelando sua marca própria: a oralidade; mas esse *contar*, que parece espontâneo, revela tendências regionalistas e pós-modernas. O ambiente é regional e as personagens intrinsecamente ligadas a ele. Contudo, o nó - o conflito do protagonista - e o narrador - polifônico - são próprios do pós - modernismo. A aparência de perfeição dessas personagens - visto que são ajustadas ao seu mundo de valores - se desconstrói, enquanto o texto se aprofunda na psicologia dos personagens; mostrando seus medos e suas desconfianças, enfim sua humanidade.

Palavras-chave: Regionalismo, pós-modernismo, oralidade, inovações lingüísticas, narrador.

Abstract: We are going to analyze "Dão-Lalalão" written by Guimarães Rosa, a composition based on continuous fabulations, typical of the speeches from people from northwest part of Minas Gerais state. This structure shows originality, reveling its own mark: the orality; but it tells which seems to be spontaneous revels regionalists and postmodern tendencies. The environment is regional and the characters are deeply linked to it. However, the Knot - main character conflict - and the narrator - polyphonic - are characteristics of postmodernism. The appearance of perfection in these characters -since they are adjusted to their world of values - is dismantled while the text goes deeper into the presentation, showing their fears and distrusts. They are like any human, in any place in the world.

Keywords: regionalism, postmodernism, orality, linguistic inovation, narrator.

1. DÃO-LALALÃO REGIONAL

O texto se apresenta regional pelo mundo onde está inserido e, principalmente, pela constituição dos valores dos personagens, por trazerem em sua concepção de mundo valores próprios de um mundo rural específico, o sertão mineiro. Ele é tão específico, tão próprio da identidade desse local, que atinge o humano, a formação humana em sua organização social. E é por isso que atinge o universal: a essência da humanidade. São ressaltados no comportamento do personagem seus valores, e esses valores são os próprios do meio rural. O protagonista é dependente e por isso atrelado à natureza, Soropita está em perfeita harmonia com o meio natural que o cerca, seus conflitos advêm dos códigos sociais vigentes nesse espaço. Entretanto, os códigos morais estão atrelados a espaços sociais, que muitas vezes se confundem a espaços geográficos e o lugar onde o protagonista vive possui um código de valores mais fechado, diferentemente da cidade onde cada indivíduo constrói, dentro de parâmetros mais amplos, sua própria moral.

Creemos que, assim como existe o homem com a personalidade conformada pelo espaço urbano¹, existe o homem formado pelo espaço rural e esse tem aspectos particulares e universais, tal como os homens urbanos. Um dos pontos comuns à maioria das sociedades tradicionais é a restrição do número de parceiros sexuais da mulher, ponto fulcral de Dão-la-la-lão. Por isso, é fundamental que Soropita esteja em uma sociedade onde essa restrição tenha grande importância, ou seja, um ambiente rural, assim a importância do espaço geográfico peculiar da obra na vida do personagem faz com que ela seja regional.

O narrador já no início situa o espaço geográfico no qual transcorre a estória. Os personagens se movimentam muito dentro desse espaço delimitado, portanto, é importante essa localização. As relações temporais estão atreladas às espaciais. O tempo passado remete à cidade de Montes Claros e o presente ao ão, próximo da vila de Andréquicé e a remota expectativa de futuro em Goiás.

A maioria dos ambientes que aparecem na narrativa são primordialmente rurais. As pequenas vilas por onde Soropita passa são o oposto de uma metrópole urbana, mas o lugar onde mora é ainda mais retirado. O ão é tão distante que lá ainda não chegou o rádio e, por isso, os vizinhos aguardam a chegada de Soropita para lhes contar o capítulo da rádio-novela. Todavia Montes Claros é uma cidade, possui um prostíbulo e grande movimento de tropas. Após retirar Doralda, sua esposa, do bordel, Soropita mudou-se com ela para o ão justamente para sair do caminho das tropas. Isso é, para se manter isolado da movimentação e das populações urbanas. Isso representa uma fuga do mundo urbano, já corrompido, para o mundo rural, ainda puro.

Na ação de abertura vemos o protagonista andando a cavalo, e a revelação de que ele é um bom homem, incapaz de agredir seu animal, além disso, é possível perceber que ele tem uma ligação forte com a montaria. E mais forte ainda com a natureza que o rodeia, isso é exemplificado pela seguinte passagem:

Seus olhos (de Soropita) eram mais que bons. E melhor seu olfato: de meio quilômetro, vindo o vento, capturava o começo do florir do bate-caixa, em seu adejo de perfume tranqüilo, separando-o do da flor do pequi, que cheirava a um nojo gordacento; e, mesmo com esta última ainda encaracolada em botão, Soropita o podia. (ROSA, 1995: 14).

Este indivíduo traz intrinsecamente consigo todos os valores, os preconceitos e objetivos de sua sociedade: ele quer da vida respeito, uma mulher que lhe ame e seja só sua, um canto que seja seu. Essas características o fazem se enquadrar na definição de regionalismo de Afrânio Coutinho:

para ser regional uma obra de arte não somente tem que estar localizada numa região, senão também deve retirara sua substância real desse local,..., apresentar o espírito humano...em correlação com seu ambiente imediato, em retratar o homem, a linguagem, a paisagem e as riquezas culturais de uma região particular, consideradas em relação às reações do indivíduo, herdeiro de certas peculiaridades de raça e tradição. (COUTINHO, 1966: 220).

Ele gosta e pertence ao campo só se mantém próximo da cidade por crer que Doralda sofreria muito se eles morassem mais isolados; contudo no final do conto decide ir para um lugar longe de antigos conhecidos que, eventualmente, possam conhecer Doralda ou terem sido seus clientes. Desta forma, o casal se desvincula completamente do urbano, pois os personagens afirmam que este novo lugar é ainda mais isolado. Esse texto revela as ansiedades

1 Conforme os teóricos da urbanidade tais como Baudelaire, Willi Bolle, James Hillman, principalmente.

características do homem rural, a importância que atribui a sua imagem e ao respeito que os outros tem para com ele. O homem urbano, por viver de maneira mais isolada, não apresenta essa característica tão pulsante, ele não tem a mesma relação com o reconhecimento da honra que Soropita apresenta. E é pelo temor de perder sua honra que Soropita se mostra frágil:

Aí, sofrer era isso, pelo mundo pagava! O que adiantava ter vindo para ali, quase escondido, fora de rotas, começando nova lei de vida? E a consideração que todos mostravam com ele, aquele regime de paz e sossego de bondade, tão garantido, e agora ia-se embora... (ROSA, 1995: 52).

Ele é frágil e extremamente sensível no trato com os animais e com sua esposa. Mas, quando se trata de enfrentar oponentes, sejam quais forem, ele é conhecido por sua brutalidade e valentia. Soropita age com frieza e, assim, vence a todos: mesmo que estejam em número bem maior:

Surripita só liquidou cabras de fama, só faleceu valentões arrespeitados... – Também, qualquer um que matasse João Carcará e Antônio Riachão mais o Dendengo, tinha de sair livre, que estava matando em legítima defesa... (ROSA, 1995: 37).

Desta forma, apesar de matar friamente, sua frieza é justificada pelos valores do mundo em que vive e essa conduta protege, além de protegê-lo e mantê-lo vivo, protege, também, aos demais que vivem nas redondezas. Afinal, Soropita só matara bandidos violentos e todos sabem que, normalmente, ele é um homem pacífico, que trata com civilidade sua esposa, sua montaria, seus amigos e vizinhos.

Sua relação com a esposa é apresentada como maravilhosa e perfeita; os dois se amam e se respeitam muito. Ela nunca o acompanha nas viagens, para dar espaço para individualidade de seu marido e, principalmente, por temer encontrar conhecidos que possam reconhecê-la. Ele sempre traz um presente para mostrar que lembrou dela durante a viagem e com isso demonstrar seu amor. Ela o espera perfumada, exatamente como ele gosta de encontrá-la.

Todavia, o casamento dos dois é obscurecido pelo passado dela. Embora ele a tivesse conhecido como prostituta em um bordel de Montes Claros e, no dia seguinte, lhe propusera ficarem juntos, ao que ela prontamente aceitou; logo providenciou a mudança para um lugar onde não fosse conhecido o passado de Doralda, passado este que poderia interferir em sua honra. É esse o dilema de Soropita: o medo de perder sua honra por conta do passado de Doralda.

Aos poucos seu grande dilema vai se mostrando comum, já que Dalberto; seu amigo, um homem muito valente e reconhecido por isso, também boiadeiro, como fora Soropita; revela um dilema semelhante. Contudo, também teme não ser aceito pela sociedade e perder a admiração e o respeito que os demais têm para com ele, caso ele decida se casar com uma prostituta. Assim, eles mostram até que ponto vai sua coragem. Eles têm coragem de casar com uma prostituta por amor, mas não a tem suficiente para encarar a opinião desfavorável dos outros. Exatamente por isso, esse dilema é tão próprio do mundo rural, onde todos têm acesso à vida e ao passado dos demais; assim o enredo se torna arraigado ao mundo do campo. Isso revela a dupla moral vigente no período: uma moral interna, vigente dentro da casa e uma moral externa, que vige na rua.

Conforme Damatta, desenvolvendo os estudos de Gilberto Freyre, afirma “se entrevistarmos um brasileiro comum em casa, ele pode falar da moralidade sexual, dos seus negócios, de religião ou da moda de maneira radicalmente diferente daquele que falaria se estivesse na rua.” (DAMATTA, 1985: 39) Soropita também tem sua moral íntima diferente da moral pública, ele pode aceitar a prostituição de Doralda na esfera íntima, mas não na pública. Por isso, ao se

casar, Soropita, busca um lugar onde Doralda não seja reconhecida e além de isolar-se com a mulher, troca a vida errante de boiadeiro pela vida mais estática de comerciante. Entretanto, ele permanece rural, como sempre fora, e o local onde mora é tão isolado que nem o rádio ainda chegou. Ou seja, o progresso e a modernidade – representados pelo rádio – estão se aproximando, mas ainda não chegaram de fato ao espaço onde eles moram.

Essas mudanças já podem ser percebidas em seus valores; para casar com Doralda ele não poderia ser o homem totalmente preconceituoso, contudo, sua transição não se dá por completo, já que ele, ainda, mantém resquício de seu preconceito. Doralda também não é mais a mulher urbana de outrora, é uma mãe de família e bastante satisfeita com sua nova posição, por isso se adequou aos modelos de mulher rural. Sendo assim, o texto pode ser considerado regionalista.

2. DÃO-LALALÃO PÓS-MODERNISTA

Por causa das características anteriormente referidas, poderíamos acreditar que o narrador trouxesse um tom de crítica, mas não é isso que ocorre, ela não defende nenhum ponto-de-vista, nem o de Soropita. Não aparecem considerações ou argumentos, a obra simplesmente se apresenta para os leitores, para que eles mesmos tenham uma atitude crítica, ou não. Isso aponta uma obra mais associada às novas tendências literárias e humanas, que se tornaram predominantes após a segunda guerra, que evitam totalitarismos e imposições. Essas novas correntes são associadas por muitos críticos ao pensamento pós-moderno, mas é uma tendência geral na filosofia, na arte e na literatura do pós-guerra.

O narrador está colado à consciência de Soropita, ele não é crítico em relação a nada do que é apresentado, aliás, ele é meramente descritivo, vai contado tudo que se passa, aparentemente sem maiores tratamentos, éticos ou estéticos. Ele não emoldura a ação, não fala de paisagem sem que ela esteja em relação à ação de Soropita, ela aparece, entretanto, sempre pelos olhos de Soropita, quando acontecem considerações sobre as ações, são as do próprio protagonista, nada é simplesmente lançado pelo narrador, tudo é perpassado pelo protagonista, com os personagens se dá o mesmo, as opiniões e as descrições deles também são de Soropita.

O narrador está em terceira pessoa, o que, a princípio, traria a idéia de distanciamento entre o narrador e o texto narrado, contudo, a forma pela qual esse narrador se insere faz com que ele está intimamente ligado ao fato narrado. Se ele não tivesse acesso à consciência de todos os personagens, poderíamos dizer que é o próprio Soropita que narra, apesar de Soropita não possuir a clareza do narrador, pois quando Soropita, sem qualquer explicação, agride e quase mata o negro Iládio – que faz parte da comitiva de Dalberto – ele está, inconscientemente, atacando o último cliente de Doralda. Coisa da qual ele não tem consciência, mas o narrador nos mostra que quando Soropita decide casar-se com Doralda, e vai ao bordel pedi-la em casamento, ela está com um cliente negro e Soropita tem que aguardar que ela acaba a “função”. Isso fica na sua memória e, com toda a violência que, eventualmente, pode cometê-lo, ele quase mata Iládio. Assim, o narrador tem plena consciência de que quem Soropita está agredindo de fato é o último cliente de Doralda. Entretanto, se Soropita tivesse a clareza do narrador não tentaria matar um homem no lugar de outro.

Mas, o narrador mantém uma aproximação à consciência de um personagem, assim o texto se aproxima do lirismo, em certos momentos, ele está tão centrado no conflito de Soropita, em seus temores e suas limitações enquanto ser humano, que se apropria do tema lírico que é a exacerbação dos sentimentos do “eu lírico”. Conforme Reis:

o sujeito da narração se centra de maneira insistente e sistemática (não apenas de maneira pontual), sobre o seu universo interior. Tende-se, nesse caso, para a interiorização própria do modo lírico e a narrativa chega a fazer-se precisamente narrativa lírica. (REIS, 2003: 348).

Sendo assim, poderíamos classificar, segundo a nomenclatura de Reis, esse narrador com onisciente, mas também homodiegético, ou até mesmo autodiegético. Seria ousado, já que a nomenclatura de Reis não o prevê; ela afirma que um narrador onisciente, teoricamente é heterodiegético. Contudo, definitivamente, não é o que ocorre aqui. O narrador faz parte da diegese, isso pode ser provado através da linguagem com que o narrador se comunica, ela é oral, varia como as variações da fala.

As variações de pronúncia são fatos atrelados à língua falada, bastante incomum na língua escrita. O nome de Soropita vem grafado de diferentes formas: "Soropita", que é a forma inicial, na página 13, e em todas as suas retomadas até a página 33; "Surupita" na página 34, "Surrupita" na página 38, variando a cada retomada a partir de então. Poderíamos atrelar essa mudança a quem verbaliza o nome; Dalberto o chama de "Surupita", na maioria das vezes, o narrador o chama de "Soropita", os outros homens do bando de Dalberto o chamam de "Surrupita". Essas variações podem mostrar diferença de dialetos regionais ou até classe social, entretanto estritamente vinculada à fala.

Interessante como indicador de oralidade também é a falta de dêiticos, a quantidade de nomes localizados no texto é enorme, se posta em relação a textos escritos conforme a norma culta de escrita. Há mais de duzentas ocorrências de "Soropita" e suas duas variações. Doralda e Dalberto também aparecem com muita frequência no texto. Os poucos dêiticos que surgem são "ele", "ela" ou sua simples omissão, não foi notável a ocorrência de retomadas indiretas, como "o amigo", "sua esposa", ou quaisquer outros tipos de referência indireta.

Essa narrativa se dá em vários níveis temporais. O primeiro é o tempo linear, em que se dá o enredo principal, ou seja, o tempo presente. O segundo é o tempo passado distante, quando Soropita ainda era boiadeiro e Doralda prostituta em Montes Claros. O terceiro é o passado próximo, que traz as recordações da vida de casado de Soropita. O quarto é o futuro distante, a imaginada mudança para Goiás. O último, que consegui perceber é o futuro próximo que Soropita, vai hipotetizando a cada momento. Esses tempos são os da história do personagem. Todos esses tempos da história se apresentam indistintamente ao longo do tempo do discurso. Conforme a nomenclatura de Carlos Reis.

O primeiro nível temporal se passa em um dia, ou melhor, num fim de tarde. Soropita, na cena inicial, está voltando de uma pequena viagem que fez até Andrequicé, cidade próxima, onde ele busca mantimentos para seu armazém. Nesse momento da viagem o personagem está olhando e percebendo a paisagem, com todos os seus sentidos voltados para o caminho e qualquer movimentação que nele se dê.

De repente encontra com um amigo seu de muito tempo atrás, Dalberto. Como não poderia deixar de fazer, convida o amigo para jantar em sua casa. Contudo, quando está chegando, se arrepende do convite, pois teme que Dalberto, que também é de Montes Claros, reconheça sua esposa, que lá trabalhava. Nisso ele se atormenta, pensa até em mudar de idéia e mandar o amigo de volta, mas já não há como fazê-lo e ele decide confiar no amigo. A princípio, o protagonista fica feliz de ver o amigo e também se contenta por que Dalberto poderá ver como ele casou bem. Todavia, Soropita começa a desconfiar que o amigo conhece a origem de sua mulher e passa a procurar qualquer gesto que o denuncie.

Quando chega em casa, sua mulher, Doralda, está com seus vizinhos que o esperam para que conte o capítulo da rádio-novela. O protagonista passa todo o tempo com medo que

Dalberto reconheça Doralda e, desta forma, ele perca todo reconhecimento que tem no lugar, já que ela foi prostituta.

Por fim, após todo esse tempo de angústia, ele pergunta se Doralda gostaria de ir morar em umas terras bem maiores em Goiás, terras que um fazendeiro lhe ofereceu em troca de sua casa. Ela aceita, afirmando que com ele, ela iria para qualquer lugar. O motivo dessa mudança fica obscuro, o narrador, como foi dito antes, não tece comentários sobre as atitudes dos personagens, e ele não nos permite acesso ao pensamento do protagonista nesse momento. Todavia, cremos que essa mudança para o interior é uma busca por seus valores originais, valores do mundo do interior, passado e perfeito; e é também uma fuga do passado de Doralda que pode obscurecer sua fama.

No entanto, esse é só o enredo do tempo presente, suas elucubrações nos dão acesso a várias memórias de sua vida pregressa e de suas projeções sobre o futuro. Por exemplo, no passado distante, o bando de Dalberto retoma o feito de Soropita, que matou três homens em uma só ocasião, esse fato é o que lhe dá mais prestígio entre seus conhecidos. Ao passado próximo, o acesso se dá através do pensamento de Soropita, que é muito feliz com sua esposa, ele relembra detalhadamente todas as ações que lhe agradam profundamente. Ele lembra do perfume de sua esposa, de como ela o espera, enfim é um homem apaixonado com saudades; confirmando a hipótese de Doralda que um pouco de saudade faz bem.

Quanto ao futuro, as hipóteses que Soropita constrói vão mudando conforme a situação em que ele se encontra e são, geralmente, suscitadas por um fato do presente. Exemplificando, quando ele está chegando em casa com Dalberto, fica imaginando como seria seu futuro se seu amigo reconhecesse sua esposa e o discriminasse por conta disso; também quando conversam a respeito de um homem que oferecia sua esposa aos amigos, ele imagina que Doralda pode ter ido para cama do amigo, pensando que ele faria o mesmo. Enfim, passa imaginando tragédias para sua vida. Já o futuro distante se dá de forma bem mais resumida, é a vida do casal em Goiás, na fazenda que Soropita cogita adquirir.

O texto pode ser considerado pós-moderno por sua construção. Ele, muitas vezes, é enunciado em discurso direto, por isso o narrador dá a sua autoridade sobre a enunciação para os personagens. Assim, poderíamos pensar esse texto como polifônico, mas qualquer classificação é duvidosa e complicada para esse texto, devemos ter o cuidado de delimitar muito bem a concepção e em que elementos do texto ela aparece.

A polifonia do texto pode ser defendida a partir de discussões que não aconteceram entre Dalberto e Soropita. Os embates não se deram como tal por que Soropita não emitiu sua opinião, que, no entanto, é dada por sua consciência. No diálogo com Dalberto no caminho para sua casa, enquanto eles tratavam sobre o caso de Dalberto com uma prostituta e seu amor por ela, Soropita aconselha o amigo a casar com seu amor, pois "casar acomoda o homem"; Dalberto lhe responde o seguinte:

"...Casar com meretriz? É virada! Nem puxado por sete juntas de boi... Sei que uns fazem; pior pra o caráter deles..." Reamontava – "...É baixo. Pra pandegar, isso! Só pra pagode redobrado, ainda que com bolsa aberta e bom coração..." Dalberto assoviava. (ROSA, 1995: 51).

Aí fica posto que os dois não concordam nesse assunto, o narrador dá voz a ambos, sem se posicionar a favor de nenhum. Embora traga o caso de Soropita e sua felicidade, ou sua angústia; o narrador não parece querer conduzir o leitor a algum lugar. Tanto que ele não é conclusivo. Soropita é feliz de certa maneira, e infeliz por outro lado; ele tem a mulher que ama e se realiza plenamente com ela, mas também tem o medo sempre consigo, medo que descubram quem ela foi.

Outro aspecto da pós-modernidade são as versões. Soropita vai montando suas teorias sobre seu futuro diante de nossos olhos. O texto se constrói exatamente colado a seu presente e isso fica provado por causa dessas hipóteses. É quase como se fosse um filme, o narrador persegue o personagem como uma câmera, mas entra em sua consciência por isso, filma também o que poderia acontecer. Assim o texto se torna aparentemente simples e visual, mas essa simplicidade é milimetricamente construída.

Também pode ser considerado um texto pós-moderno por se tratar de assunto advindo do excêntrico do mundo, ou seja, aquilo que é marginalizado pela sociedade, no caso, o fato de Doralda ser uma prostituta, profissão tida como desonrosa pela sociedade, principalmente, pela sociedade dos valores primitivos, onde vigora a dupla moral patriarcal que permite ao homem todas as possibilidades e limita as possibilidades femininas.

Concluimos, então, que a obra é pós-moderna por dar voz ao protagonista e todos demais personagens através do discurso direto. Por que não é panfletária, no sentido em que o narrador não adota algum conceito que vise levar o leitor a crer nele. Antes o contrário, a impressão que causa ao leitor é que ele quer se manter oculto. Apesar do uso da terceira pessoa, o texto quer usar a tensão dramática que se estabelece na interioridade do personagem como se uma câmera pudesse filmar esse drama de consciência.

Contudo, essa obra não deixa de ser regionalista. Por vários motivos: pela paisagem do conto, e pelo tipo de protagonista, um homem originariamente rural, mas principalmente pelo conflito central que é característico das sociedades tradicionais e, ainda, por que recupera na linguagem as características da fala regional, apesar da tentativa de recuperação da linguagem oral também ser característica da pós-modernidade.

O narrador tem o papel fundamental de nos trazer, de forma bastante tênue, um conflito comum e um dilema profundo do ser humano. Tem o dom de não banalizar esse conflito, mas atingir nele sua mais alta realização estética. Sendo assim, atinge o universal pelo particular, característico e específico.

Esse universal se atinge, principalmente, pela tensão do protagonista. O ápice da tensão do conto é a chegada de Soropita em casa na companhia de Dalberto. Quando todas suas expectativas podem se confirmar ou não. Contudo, a tensão não se dissolve, se mantém durante toda a recepção do convidado, até que Doralda lhe garanta que Dalberto não a reconheceu. E, por fim, a solução maior do conflito ideológico em si, eles se mudarão para mais longe, a fim de que esse momento não mais se repita.

O final é a apoteose, Doralda chora, mas é de alegria. Aqui a dúvida: quem é o narrador? Faz todo o sentido. Se realmente esse for um narrador de terceira pessoa, que tenha acesso aos sentimentos reais de Doralda, ela, realmente, está feliz; mas se o narrador for a consciência de Soropita, eis a dúvida, a consciência pode criar esse sentimento em Doralda a fim de se justificar, e ela na verdade pode estar magoada por que seu passado faz com que eles tenham de fugir. Desde o princípio fica claro que há melindres em tocar nesse assunto, portanto, eles podem não ser claros um com o outro. Afinal, como atesta a citação, o que é verdade? "...Mas Doralda não mentia, nunca houve, se algum fato ele perguntava. No que transformava a verdade de seus acontecidos, era para não ofender a ele, sabia como se ser." (ROSA, 1995: 21).

Finalmente, como saber o qual é verdade. Não há verdade, só existem versões sobre o fato ocorrido. O fato já foi, não há como retomá-lo tal como era, só restaram suas versões. É um paradoxo do pós-modernismo que se aplica aqui. A abertura da obra, as possibilidades de leitura, são inesgotáveis; por isso essa é uma obra pós-moderna, cada um pode relatar sua leitura dessa obra de forma diferenciada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, Afrânio. *O regionalismo na ficção*. In: A Literatura no Brasil. V.2. Rio de Janeiro: Sul América, 1966.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós- modernismo*. Rio de Janeiro. Imago, 1988.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção: de 1870 à 1920*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2003.

ROSA, João Guimarães. "Dão- dalalalão". In: _____. *Noites do Sertão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.